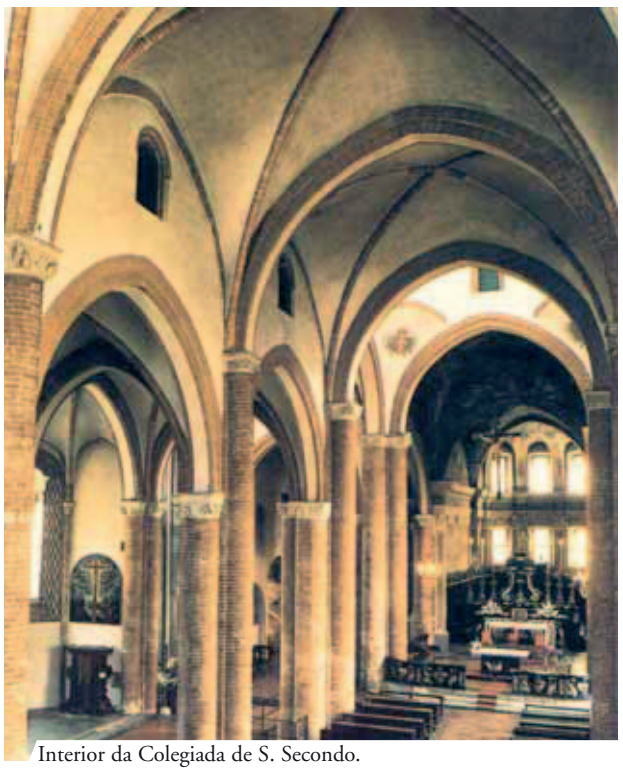
Milagres Eucarísticos de
ASTI
ITÁLIA, 1535-1718

Nos dois Milagres Eucarísticos de Asti, as Hóstias Consagradas jorraram Sangue vivo.
São inúmeros os documentos que confirmam os dois Prodígios. No primeiro Milagre o Bispo de Asti, Monsenhor Scipione Roero, fez redigir imediatamente um acto notarial e o Papa Paulo III com um "Breve Apostólico", datado de 6 de Novembro de 1535, concedeu a indulgência plenária a quem visitasse a Igreja de S.Secondo, no dia do aniversário do Prodígio.

Óleo sobre tela (autor desconhecido do século XVII), representando o Prodígio Eucarístico acontecido na Colegiada de S. Secondo em 1535. A pintura conserva-se na Capela do Milagre.

Colegiada de S. Secondo, Asti.



Interior da Colegiada de S. Secondo.

G.Badarello (fim do XVII século), Colegiada de S. Secondo, altar do Crucifixo ou do Milagre.

1535

Em 25 de Julho de 1535, enquanto o piedoso Sacerdote Domenico Occeli, por volta das 7 horas, celebrava a Santa Missa junto ao altar principal da Colegiada de S. Secondo, no momento de fraccionar a Hóstia Consagrada, viu, ao longo de todo o comprimento desta fractura, esta empapar-se de sangue vivo. Três gotas caíram no cálice e uma quarta permaneceu na extremidade da Hóstia. Inicialmente D. Domenico continuou a celebração da Missa. Quando destacou a parte da Hóstia que devia colocar no cálice, viu surgir desta mais Sangue. Estupefacto dirige-se aos presentes e convida-os a avizinharem-se do altar e ver o Prodígio. Quando o Sacerdote apresenta a Hóstia para consumá-la, o sangue tinha desaparecido e esta retomou de súbito a sua aparência natural.

Estes foram os desenvolvimentos dos factos, segundo a tradução do relatório oficial, enviada pelo Bispo de Asti, monsenhor Scipione Roero, à Santa Sé e reproduzida no "Breve Apostólico", na data de 6 de Novembro de 1535, com o qual o Papa Paulo III concede a indulgência plenária a todos quantos «no dia comemorativo do Milagre visitarem a Igreja do Santo e recitarem três Padres Nossos e Ave Marias em intenção do Pontífice».

Segundo um outro documento reproduzido numa inscrição em mármore, naquela ocasião, há vista do Milagre, alguns soldados hereges converteram-se. Naquele tempo, Asti encontrava-se sob o domínio do imperador Carlos V e muitos deles na tropa residiam nesta cidade. Esta narrativa, para além dos arquivos do Vaticano, donde foi extraída uma cópia em 1884, por solicitação do Cónego Longo, encontra-se também referida no livro da Companhia do SS. Sacramento, instituída no final de 1519 na Colegiada de S. Secondo. Outros testemunhos do Prodígio são o quadro presente na Capela do Crucifixo que representa o Milagre e que remonta ao XVI século, e a inscrição em mármore na qual está escrito: «Hic ubi Christus ex sacro pane effuso sanguino exteram vi traxit fidem Astensem roboravit- Eis o Cristo do Sagrado Pão que tendo derramado o seu Sangue traça com estranha força a fé e confirma a dos Astigianos».

© 2006, Edizioni San Clemente

Milagres Eucarísticos de

ASTI

ITÁLIA, 1535-1718

O segundo Milagre acontece por sua vez na antiga capela da "Opera Pia Milliavacca" e é documentado por variados testemunhos recolhidos por um notário, subscritos pelo sacerdote celebrante e por eminentes personalidades eclesiásticas e laicas.

Opera Pia Milliavacca, cálice do Milagre de 1718. Observar a correspondência das gotas de Sangue no copo e no pé do cálice.

O cálice do Prodígio está conservado no interior da Catedral de Asti, na Capela dedicada a S. Filippo Neri.

Pormenor do pé do cálice do Milagre da "Opera Pia Milliavacca".

Catedral de Asti.

1718

Na manhã de 10 de Maio de 1718 o sacerdote Francesco Scotto dirigiu-se à "Opera Pia Milliavacca" para celebrar a Santa Missa. Eram cerca de 8 horas. A igreja do Instituto era dividida em duas partes; a anterior, na qual podiam assistir os de fora, e a posterior, atrás do altar, reservada aos alunos internos. Na parte anterior, isto é, diante do altar, encontrava-se sozinho o notário Scipione Alessandro Ambrogio, chanceler do Bispado e tesoureiro do Instituto. Na parte posterior da igreja encontravam-se, por sua vez, os colegiais. Quando o sacerdote estava próximo à elevação da Hóstia, o Dr. Ambrogio apercebe-se que a Hóstia estava partida em duas partes. Apenas o sacerdote tinha elevado o cálice, o homem convencido que uma Hóstia partida não fosse matéria válida, avizinhou-se do altar para prevenir o sacerdote e correu logo a pegar numa outra Hóstia na sacristia. Entretanto o celebrante elevou com os dedos a Hóstia e encontrou-a realmente dividida em duas metades e, com infinita admiração, viu o perfil longitudinal das duas, completamente avermelhadas de sangue, mais o pé do cálice e o copo, tambem manchados de sangue, e ainda alguns salpicos sanguíneos sobre o corporal. Ambrogio entretanto tinha chegado com a nova Hóstia e apercebe-se que esta sangrava. Começou de imediato a chorar. O notário corre rápido a chamar o cónego Argenta, confessor do Instituto, o teólogo Vaglio e o penitencieiro Ferrero, que foram, também esses, testemunhas directas do Prodígio.

Simultaneamente com este ajuntamento chegaram também outros sacerdotes e três médicos da cidade, os doutores Argenta, Volponi e Vercellone, os quais atestaram sob juramento, que aquelas manchas vermelhas eram verdadeiro sangue. Entre os presentes, um deles foi assaltado pela dúvida de que o sangue pudesse ser proveniente do nariz ou da boca do sacerdote, mas alguns cirurgiões presentes, depois de minuciosa observação, excluíram qualquer dúvida a esse propósito. Intervieram depois o vigário episcopal, como secretário da Cúria e o vigário da Inquisição, R. Bordino, que de comum acordo redigiram um relatório do Milagre. Uma outra importante prova da autenticidade do Milagre é nos fornecida por um documento que diz, como Monsenhor Fillipo Artico, Bispo de Asti, em 1841 fez examinar o cálice e a Hóstia do Milagre por alguns peritos em Física, que confirmaram a origem hemática das manchas vermelhas. A "Opera Pia Milliavacca" conservou ciosamente os testemunhos do Prodígio: o cálice com manchas de sangue, a Hóstia da celebração infelizmente corrompida e reduzida a um véu, a patena, o corporal e o cálice de prata dourado.

© 2006, Edizioni San Clemente